A OLIVA DE CERÂMICA AO 4162

À LUZ DAS LAMENTAÇÕES SUMÉRIAS POR UMA CIDADE

por

Marcos Calovi

Monografia para a Disciplina

HISTÓRIA E CULTURA DO ANTIGO ORIENTE
E DO MUNDO GRECO-ROMANO

Professor Dr. Peter Nash

Professora Dra. Maricel M. Lopéz

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia
São Leopoldo, RS, Brasil
Julho de 2003

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....3

1. O REFERENCIAL DOS LAMENTOS SUMERIOS POR UMA CIDADE.....4
   1.1 A pesquisa.....4
   1.2 O elenco e as edições críticas.....5
   1.3 A época e o contexto das composições.....7
   1.4 O contexto da reinstalação.....8

2. A OLIVA DE CERÂMICA A0 4162.....9
   2.1 Apresentação do achado.....9
   2.3 O texto da oliva de cerâmica AO 4162.....9
   2.3 O texto em seu contexto.....12
   2.4 Considerações de estilo, conteúdo e gênero.....17

CONCLUSÃO.....22

OBRAS CONSULTADAS.....24

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por objetivo aprofundar os conhecimentos sobre o texto do tablete de argila cozida com inscrições cuneiformes do tipo chamado oliva de cerâmica registrado como AO 4162. Este texto sumério situa-se ao final do período pré-dinástico e ao término da assim chamada Dinastia de Lagaš, referindo-se à tomada desta cidade ou região por Lugalzagesi, limitou sensivelmente o domínio de Uru´inimgina. Ele tem sido chamado ocasionalmente de "Lamento por Lagaš", certamente por referir-se à destruição que relata e motivado pelos assim chamados "lamentos sumérios por uma cidade", surgidos há cerca de 4.000 anos na Baixa Mesopotâmia. Ora, esta relação entre os tais lamentos e este da oliva de cerâmica também deve ser avaliada, tendo em vista fornecer subsídios para a dissertação de mestrado do autor.

Após uma abordagem introdutória dos lamentos sumérios por uma cidade, aprofunda-se a análise deste achado de datação anterior, especialmente considerando seu texto, o contexto imaginável de sua redação e finalmente com considerações sobre estilo, conteúdo e gênero deste texto antigo e buscando delinear as possíveis relações.

1. O REFERENCIAL DOS LAMENTOS SUMÉRIOS POR UMA CIDADE

Muito embora a oliva de cerâmica AO 4162 possa ser apreciada por si mesma, o interesse que motiva esta monografia referencia-se na interrogação por afinidadades e relações que este texto possa ter com os assim chamados *lamentos sumérios por uma cidade*, doravante mencionados também como *lamentos por uma cidade*. Por isso mesmo cabe aqui esboçar apenas rapidamente esta referência, sem perder de vista o interesse primordial de situar o texto AO 4162 neste contexto de interrogações.

1.1 A PESQUISA

Sobretudo nos últimos 30 anos o modo de ver os assim chamados lamentos sumérios por uma cidade ganhou contornos mais definidos. A obra de Kramer[1], na qual veio à tona o primeiro texto deste gênero com um tratamento aprofundado, tornou-se um clássico, e determinou profundamente por longo tempo o estado da pesquisa a respeito. Mais recentemente, a tese

---

[1] KRAMER, Samuel Noel. *Lamentation over the Destruction of Ur*. The University of Chicago Press: Chicago,1940. (Assyriological Studies 12).

de Cohen[2], e sobretudo o valioso capítulo 9 da tese de Margaret W. Green[3], sinalizam uma nova fase da pesquisa a respeito destes textos e dessa temática. Hoje há edições e traduções críticas de mais quatro textos deste gênero e outras de textos comparáveis, o que, nas últimas décadas, permitiu que se percebesse melhor o fenômeno como um todo[4].

Uma nova geração de sumeriólogos e sumeriólogas complementa paulatinamente a experiência até então obtida na área de estudos com os resultados de escavações contemporâneas e pode valer-se de novas perspectivas, como, por exemplo, da historiografia antiga.[5] Os primeiros resultados estão já disponíveis. Eles motivam pesquisa a avançar e a intensificar o diálogo interdisciplinar.[6]

1.2 O ELENCO E EDIÇÕES CRÍTICAS

---

[2] COHEN, M. E. *An Analysis of the Balag-Compositions to the God Enlil copied in Babylon during the Seleucid Period*, University of Pensylvania: Ann Arbor, 1972. Dissertação de Ph.D. em Microfilme.

[3] GREEN, Margaret W. Sumerian Lamentations. In: *Eridu in Sumerian Literature*, Chicago, 1975, p. 277-325, Dissertação de Ph.D. em Microfilme.

[4] Mencionem-se aqui como especialmente significativos os seguintes artigos: MICHALOWSKI, Piotr. History as Charter: Some Observations on the Sumerian King List. In: *Journal of the American Oriental Society*. [s.ed.]: New Haven, 1983, vol.103, p. 237-248; e VANSTIPHOUT, H., Some Thougts on Genre in Mesopotamian Literature. In: Karl Hecker e Walter Sommerfeld (eds.). *Keilschriftliche Literaturen*. Dietrich Reimer Verlag: Berlin, 1986, pp. 1-11.

[5] O artigo de LIVERANI, Mário. Model and Actualization: The Kings of Akkade in the Historical Tradition. In: Idem (ed.), *Akad: The First World Empire - Structure - Ideology, Tradidions*. Padova, 1993, pp. 41-67 é um bom exemplo e um plädoyer para esta nova tendência, que é verificável inclusive em outros artigos desta obra.

[6] Um exemplo disso tem-se em DOBBS-ALLSOPP, F. W. *Weep, O Daughter of Zion: A Study of the City Lament Genre in the Hebrew Bible*. Roma, 1993, mesmo que o autor ali concentre-se em encontrar semelhanças de expressão e estilo e não chegue a perceber ou avaliar seu pano-de-fundo. Infelizmente a informação deste autor sobre o tema da pesquisa antico-oriental aqui tratado não alcança além de uma recensão da acima citada tese de Green.

São conhecidos cinco textos, que nos últimos sessenta anos paulatinamente têm sido apreciados em conjunto sob a denominação de *lamentos sumérios por uma cidade*. Kramer, que em 1940 apresentou ao público pela primeira vez um texto por ele compreendido desta forma, denominou-o "Lamento pela destruição de Ur"[7], o qual foi sendo conhecido como "Lamento de Ur". Ele também é responsável pela divulgação dos dois textos que, na seqüência, foram incluídos nesta nova categoria: O "Lamento da Suméria e de Ur" - inicialmente conhecido como "Lamento de Ibbi-Sin"[8] ou "Segundo Lamento de Ur"[9] - e o "Lamento de Nipur". Em 1969 Kramer ofereceu uma tradução inglesa do Lamento da Suméria e de Ur[10], e um sumário do conteúdo do Lamento de Nipur[11]. Uma edição e tradução crítica e comentada do Lamento da Suméria e de Ur foi publicada apenas em 1989 por Michalowski[12]. O Lamento de Nipur chegou ao público apenas postumamente sob a autoria de Kramer em 1991[13], com uma edição e tradução crítica amplamente baseada na elaboração crítica da base textual e tradução de Green. De Vanstiphout espera-se uma edição crítica e comentada do Lamento de Nipur[14]. Green publicou criticamente e traduziu ainda os últimos dois lamentos por uma cidade identificados, que tratam centralmente de Eridu[15]

---

[7] KRAMER, Samuel Noel. *Lamentation over the Destruction of Ur*. The University of Chicago Press: Chicago,1940. (Assyriological Studies 12).
[8] FALKENSTEIN, A. Die Ibbîsîn-Klage. In: *Die Welt des Orients*. [s.ed.]: Göttingen, 1950, vol. 1, p. 377-384. Elaboração das primeiras 54 linhas.
[9] GADD, C. J.. The Second Lamentation of Ur. In: THOMAS, D. W.; McHARDY, W. D. (ed.). *Hebrew and Semitic Studies Presented to Godfrey Rolles Driver*. [s.ed.]: Oxford, 1963, p. 59-71.
[10] KRAMER, Samuel Noel. Lamentation over the Destruction of Sumer and Ur. In: PRITCHARD, J. B. (org.). *Ancient Near East Texts Relating to the Old Testament*. 3ed. [s.ed.]: Princeton, 1969, p. 611-619.
[11] KRAMER, Samuel Noel. Lamentation over the Destruction of Nippur - A Preliminary Report. In: *Eretz Israel*. [s.ed.]: Jerusalem, 1969, p. 89-93.
[12] MICHALOWSKI, Piotr. *The Lamentation over the Destruction of Sumer and Ur*. Eisenbrauns: Winona Lake, 1989. (Mesopotamian Civilizations, 1).
[13] KRAMER, Samuel Noel. Lamentation over the Destruction of Nippur. In: YOSHIKAWA, M. (ed.) *Acta Sumerologica*. The University of Hiroshima: Hiroshima, 1991, vol. 13, p.1-26.
[14] Cf. Michalowski, op. cit., p.5 n.26.
[15] GREEN, Margaret W. The Uruk Lament. In: *Journal of the American Oriental Society*. [s.ed.]: New Haven, 1984, vol. 104, p. 253-279.

e de Uruk[16]. O acima referido capítulo 9 de sua dissertação oferece o tratamento até então mais detido sobre este tipo de textos.

1.3 A ÉPOCA E O CONTEXTO DAS COMPOSIÇÕES

A composição dos lamentos pode ter-se dado em um período que varia de 50 a 150 anos, principalmente no início da Dinastia Isin do período mesopotâmico antigo. Trata-se de textos longos, em geral com acima de 400 linhas. Seu objeto são as circunstâncias e as conseqüências das destruições que algumas cidades sumérias sofreram, aparentemente sob ação de forças estrangeiras. Os acontecimentos encerraram de maneira trágica o período neosumério ou a III dinastia de Ur, e resultaram numa nova organização do poder na Suméria.

Išbi-Erra (2017-1985 a.C), até então (ca. 2004 a.C.) administrador público de Isin sob o senhorio de Ibbi-Sin (2028-2004 a.C.), hesitou e deixou de cumprir suas funções, ou seja, as prestar o auxílio solicitado. Aparentemente ele contribuiu, desta forma, para a queda de seu soberano, e conseqüentemente para o encerramento da III dinastia de Ur. Sua atuação estratégica não é plenamente clara. É incerto se ele aguardou a retirada dos saqueadores ou se ele os expulsou. Possivelmente Išbi-Erra somente os perseguiu - se o fez - quando já não lhe apresentavam mais perigo e quando isto se mostrou oportuno para sua imagem posterior.

Išbi-Erra foi um carreirista, um oportunista, um soberano que de fato chegou ao poder por traição e que não

---

[16] GREEN, Margaret W. The Eridu Lament. In: *Eridu in Sumerian Literature*, Chicago, 1975, p. 326-374, Dissertação de Ph.D. em Microfilme.

possuía qualquer legitimação dinástica. Por isso ele precisava demonstrar sua capacidade como soberano, o que, considerando-se a duração de seu reinado, ele alcançou plenamente. Para tanto carecia ele de justificação ideológica, o que não era fácil e é relevante para o contexto em que estas lamentações são escritas.

A busca de justificação ideológica do novo poder deu-se especialmente através do diálogo com as tradições neosumérias e de novas composições a partir de modelos reconhecidos. O interesse pela assim chamada Maldição de Acade, as atualizações da Lista de Reis Sumérios e composições como o chamado Hino B de Išbi-Erra são exemplos desse esforço. A grande quantidade de hinos compostos na nova época tornam evidente este esforço, que se manifestava também nos esforços por reconstruir as antigas instalações e de reconduzir as estátuas de deuses às câmaras para elas previstas.

1.4 OS LAMENTOS POR CIDADES NO CONTEXTO DA REINSTALAÇÃO

As lamentações sobre cidade permitem concluir que eram compostas e executadas por ocasião das cerimônias de recondução das estátuas de deuses. Incluíam pedidos das divindades para serem reconduzidas a suas cidades ou templos, na forma materializada de suas estátuas. Também a temática da reconstrução está presente nos textos. Green[17] apresenta os seis principais temas dos lamentos sumérios por uma cidade: destruição, responsabilidade (das divinddes), abandono da cidade (pelas divindades, suas estátuas), reconstrução, retorno das divindades e apresentação de súplicas.

Posteriormente também como GREEN, Margaret W. The Eridu Lament. In: *Journal of Cuneiform Studies*. [s.ed.]: New Haven, 1978, p.127-167.

[17] Cf. GREEN, Margaret W. *Eridu in Sumerian Literature*, Chicago, 1975, p. 295-310, Dissertação de Ph.D. em Microfilme.

2. A OLIVA DE CERÂMICA AO4162

2.1 APRESENTAÇÃO DO ACHADO

A oliva de cerâmica AO 4162 foi encontrada nas escavações das ruinas do que foi a cidade de Girsu, próxima a Lagaš. A oliva de cerâmica foi encontrada "isolada, ao norte do tell das construções mais antigas (tell K), a dois metros de profundidade"[18], e não entre os arquivos convencionais. A associação de seu conteúdo a esta localização especial poderiam sugerir relacioná-la a uma prática ritual que a tivesse envolvido, à alocação da mesma em um tal esconderijo por ocasião de tempos difíceis ou a outra circunstância.

2.2 O TEXTO DA OLIVA DE CERÂMICA AO 4162

O texto sumério é razoavelmente bem preservado e vale-se de construções recorrentes, com o que poucas dúvidas restam aos intérpretes quanto ao seu sentido. O tablete de argila AO 4162 oriundo de Girsu foi inicialmente publicado, elaborado criticamente e comentado por Thureau-Dangin[19] e depois

---

[18] THUREAU-DANGIN, François. La ruine de Shirpourla (Lagash) sous le règne d'Ourou-kagina. In: *Revue Archélogique*, Paris, 1904, v. 6, p.31. No original: "isolé, au nord du tell des constructions plus anciennes (tell K), à deux mètres de profundeur". Tradução própria

[19] Op. cit., p. 26-32.

editado por E. Sollberger[20] sob o título Ukg 16, nomenclatura esta que se estabeleceu. Da parte deste e de Kupper[21] seguiu-se uma nova versão. Há uma tradução recente[22] e outra mais recente e refletida de Cooper[23] ao inglês que se assentam sobre o trabalho de Steible[24], o qual coloca a transcrição e tradução em nível técnico atualizado, oferecendo comentários textuais no segundo volume da mesma obra[25]. Segue abaixo a tradução própria adaptada desta versão crítica alemã, sem os respectivos comentários críticos ou textuais.

> O Homem de Umma ateou fogo ao Ekbirra. Ao Antasurra ateou ele fogo; seu metal precioso e seu lápis-lazuli tomou para si. Saqueou o Palácio de Tiraš. Absubanda ele saqueou. A Capela de Enlil e a Capela de Utu ele saqueou. Ahuš ele saqueou; seu metal precioso e lápis-lazuli ele tomou para si.Ebabbar ele saqueou; seu metal precioso e lápis-lazuli ele tomou para si. Giguna de Ninmah de Tirku ele saqueou; seu metal precioso e seu lápis-lazuli ele tomou para si. Bagara ele saqueou; seu metal precioso e lápis-lazuli ele tomou para si. Ao Dugru ele ateou fogo; seu metal precioso e lápis-lazuli ele tomou para si. Abzu´ega ele saqueou, ao Templo de Gatmdu ele ateou fogo; seu metal precioso e lápis-lazuli ele tomou para si; suas estátuas (e estelas) ele destruiu. Ao Ibe´anna de Inanna ele ateou fogo; seu metal precioso e lápis-lazuli ele tomou para si; suas estátuas (e estelas) ele destruiu. Šapa ele saqueou; seu metal precioso e lápis-lazuli ele tomou para si. Em Henda ele fez vir abaixo [...]. Em Ki´eš ele saqueou o Templo

---

[20] SOLLBERGER, Edmond. *Corpus des Inscriptions "Royales" Présargoniques de Lagaš*, Librairie E. Droz: Genebra, 1956, p. 58.

[21] SOLLBERGER, Edmond, KUPPER, J.-R. *Inscritptions Royales Sumeriennes et Akkadiennes*, Les Éditions du CERF: Paris, 1971, p.81s.: IC11m. (Littératures aciennes du Proche-Orient 3).

[22] COOPER, Jerrold S. Reconstructing history from ancient inscriptions: the lagash-umma border conflict. In: *Sources from the ancient near east*, Undena Publications: Malibu, 1983, vol. 2, fasc.1, p.52: 9.

[23] COOPER, Jerrold S. *Presargonic Inscriptions*. American Oriental Society: New Heaven, 1986, p. 78-79: La 9.5. (Sumerian and Akkadian Royal Inscritptions I).

[24] STEIBLE, H. *Die Altsumerischen Bau- und Weinheitsinschriften*. Franz Steiner Verlag: Wiesbaden, 1982, Teil I, p. 333-337 (Freiburger Altorientalische Studien 5).

[25] op.cit., Teil II, pp. 169s.

de Nindar; seu metal precioso e lápis-lazuli ele tomou para si. Em Kinunir ele ateou fogo ao Templ de Dumuzi`abzu; seu metal precioso e lápis-lazuli ele tomou para si. Ao Templo da divindade URUxKÁR ele ateou fogo; seu metal precioso e lápis-lazuli ele tomou para si. Ao E´engurra ele saqueou; seu metal precioso e lápis-lazuli ele tomou para si. Em Sagug ele saqueou o Templo da Amageštinna; da (estátua da) Amageština ele tomou para si seu metal precioso e lápis-lazuli (e) jogou (a estátua) ali no poço. Dos campos de Ningirsu, tanto quanto tinham sido cultivados, tomou ele cereais. O Homem de Umma, depois de ter destruído Lagaš, cometeu uma impiedade contra Ningirsu: "A mão, que nele [=Ningirsu] for colocada, lhe será decepada!". Não há um pecado de Uru´inimgina, rei de Girsu. Quanto a Lugalzagesi, o Príncipe da cidade de Umma, queira Nisaba, sua deusa (protetora) colocar sobre suas costas esta impiedade![26]

---

[26] Os colchetes e parênteses da tradução ao português procuram reproduzir o sentito que posuem no original alemão, onde via de regra os parênteses indicam um acréscimo não-literal sugerido pelo tradutor e os colchetes indicam falhas no original sumério, em que o tradutor alemão supõe uma palavra ou um sinal que a componha. O texto original da versão alemã: "Der Mann von Umma hata an das Ekbirra(1) Feuer gelegt. An das Antasurra hat er Feuer gelegt; sein Edelmetall (und) Lapislazuli hat er zusammengerafft.(2) Im Palast von Tiraš hat er geplündert.(3) Im Abzubanda hat er geplündert. In der Kapelle des Enlil (und) der Kapelle des Utu hat er geplündert. Im Ahuš hat er geplündert; sein Edelmetall (und) Lapislazuli hat er zusammengerafft. Im Ebabbar hat er geplündert; sein Edelmetall (und) Lapislazuli hat er zusammengerafft. Im Giguna der Ninmah von Tirku hat er geplündert; sein Edelmetall (und Lapislazuli hat er zusammengerafft. Im Bagara hat er geplündert; sein Edelmetall (und) Lapislazuli hat er zusammengerafft. An das Dugru hat er Feuer gelegt; sein Edelmetall (und) Lapislazuli hat er zusammengerafft. Im Abzu´ega hat er geplündert. An den Tempel der Gatumdu hat er Feuer gelegt; sein Edelmetall (und) Lapislazuli hat er zusammengerafft; seine Statuen (und Stelen) hat er zerstört. An das Ibe´anna der Inanna hat er Feuer gelegt; sein Edelmetall (und) Lapislazuli hat er zusammengerafft; seine Statuen (und Stelen) hat er zerstört. Im Šapa hat er geplündert; sein Edelmetall (und) Lapislazuli hat er zusammengerafft. In Henda (4) hat er ... umgestürzt. (5) In Ki´eš, (6) dem Tempel des Nindar, hat er geplündert; sein Edelmetall (und) Lapislazuli hat er zusammengerafft. An den Tempel des Lugal-URUxKÁR hat er Feuer gelegt; sein Edelmetall (und) Lapislazuli hat er zusammengerafft. Im E´engurra der Nanše hat er geplündert; sein Edelmetall (und Lapislazuli hat er zusam[enger]afft. Im Sagug, (7) dem Tempel der Amageštinna, hat er geplündert; von der (Statue der) Amagestin(na) [sic!] hat er ihr Edelmetall (und) Lapislazuli zusammengerafft (und) hat (die Statue (?)) dort in den Brunnen geworfen. Von den Feldern des Ningirsu, soweit sie bebaut waren, hat er Getreide genommen. Der Mann von U[mma] hat, (8) nachdem er Lagaš zerstört hat, eine Missetat gegen Ningirsu begangen: Die Hand, de er an ihn (= Ningirsu) gelegt hat, wird (ihm) abgehackt werden! Eine Schuld Uru´inimgina´s, des Königs von Girsu, ist nicht vorhanden. Des

2.3 O TEXTO E SEU CONTEXTO

Este texto testemunha o término de um conflito por divisas que se extendeu por 150 anos entre Laqaš e Umma. Embora a datação da submissão de Lagaš e de seu soberano sejam relativamente incertas, possivelmente uma época anterior ao ano 2350 a.C. seja adequada como referência. A Lugalzagesi, o "Homem de Umma", é atribuída uma série de atos de impiedade, pelo que ele deve ser punido. Lugalzagesi havia sido um grande estrategista, podendo ter chegado a alcançar de fato o domínio sobre toda a região, inclusive sobre Nipur, constando em alguns vasos seus a afirmação de que Enlil lhe teria dado o domínio sobre a terra. O texto refere-se à destruição de lugares sagrados da localidade de Lagaš da parte de Lugalzagesi, o soberano de Umma. A autoridade local atingida é Uru´inimgina[27].

Kienast[28] vê no compartilhar de um único panteão religioso por vários núcleos políticos freqüentemente em conflito um dos fatores que geraram dificuldades ao estabelecimento de domínios mais plenos sobre regiões mutuamente conquistadas[29].

> Vitória e sujeição do adversário não podiam chegar jamais à sua plena efetivação, nem ter como objetivo a anexação da região estatal inimiga: antes o soberano derrotado de uma cidade mantinha

---

Lugalzagesi, des Stadtfürsten vn Umma, (Schutz)gottheit, Nisaba, möge diese Missetat auf seinen Nacken legen!"

[27] O nome Uru-´inim-gi-na era lido anteriormente Uru-ka-gi-na. A nova forma de ler o segundo sinal fundamenta-se em BAUER, J. *Altsumerische Wirtschaftsurkunden aus Lagaš.* [s.ed.]: [s.l.], 1965, p. 65 e em LAMBERT, W.G.. The Reading of the Name uru.KA.gi.na. In: *Orientalia.* [s.ed.]: Roma, 1979, vol. 39, p. 419.

[28] KIENAST, B. Der Weg zur Einheit Babyloniens unter staatsrechtlichen Aspekten. In: *Orientalia.* [s.ed.]: Roma, 1973, vol. 42, p. 493.

[29] Idem, op cit., p. 493.

> via de regra seu posto; sua administração e seu aparelho estatal permaneciam intocados; ele tinha apenas que reconhecer o vencedor como seu superior, reconhecer correções de divisas, e demonstrar sua subordinação na forma do envio de tributos. (...) Uma atuação demasiado enérgica contra o derrotado ou mesmo a anexação de seu território conquistado teria significado uma extrema violação dos direitos, muito menos do príncipe adversário do que do deus inimigo; teria sido um pecado contra esse deus que a pessoa mesma venerava, cujo poder reconhecia. (...) O estabelecimento da unidade imperial era... no essencial dependente da superação daquelas concepções teológicas que constituíam o fundamento teorico-legal do estado."[30]

A conquista de Lagaš e de outras partes do antigo domínio de Uru´inimgina por Lugalzagesi deve ser considerada - é o que se infere da presença mesma deste conteúdo - como ponto de partida para a redação deste texto. Por ser um pressuposto necessário de uma leitura não-ideológica do conteúdo, depreender-se-ia também que Uru´inimgina tenha mantido alguma forma de soberania na região após esta derrota. Sua soberania dificilmente poderia, no entanto, ter-se exercido além de Girsu.

---

[30] No original: "Sieg und Unterwerfung des Gegners konnten niemals zu seiner völligen Vernichtung führen, de Annektion des feindlichen Staatsgebietes zum Ziele haben: Vielmehr behielt der unterlegene Stadtfürst gemeinhin sein Amt, seine Verwaltung und sein Staatswesen blieben intakt; er hatte einzig den Sieger als Oberherren anzuerkennen, Grenzkorrekturen hinzunehmen und seine Unterwerfung in Form von Tributleistungen zu bezeigen (...) Ein zu energisches Vorgehen gegen den Verlierer oder gar die Annektion des eroberten Landes hätte eine extreme Verletzung der Rechte, weniger des gegnerischen Stadtfürsten, sondern vielmehr des feindlichen Gottes selbst bedeutet; es wäre eine Sünde gegen diesen Gott gewesen, den man selbst verehrte, dessen Macht man anerkannte. (...) Die Errichtung der Reichseinheit war ... im Wesentlichen abhängig von der Überwindung jener theologischen Vorstelungen, die die Grundlage der staatsrechtlichen Theorie bildeten." Tradução adaptada do autor.

Quanto a isso, Kienast[31] tematiza a importância da concepção teológica do mundo para as relações dentro daquele sistema de pensamento.

> A concepção de Deus estatal como o verdadeiro e único soberano de todo o corpo societário que está por trás desta ordem teocrática determina não apenas as relações políticas internas, mas tem inescapavelmente conseqüências para as relações mútuas entre os estados, pois os conjuntos de deuses de cada cidade não formam sistemas fechados, teologicamente rivalizantes entre si; muito antes os deuses estatais e em parte seus parentes são divindades cultuadas não apenas a nível local, mas gozam de veneração supraregional e assumem no panteão sumério geral certas funções inatas[32]

O avanço vitorioso de Lugalzagesi deve ter-se dado no sétimo ano de reinado de Uru´inimgina. Para esta compreensão contribui especialmente o "súbito cessar"[33] de seu arquivo administrativo nesse ano, ainda que para isso haja outras explicações plausíveis. Uma vez que ele, em seu segundo ano de regência, abdicou do título de ensi - usado por seus predecessores - e assumiu o título de lugal, pode-se calcular que a oliva de cerâmica Ukg 38 expressa com o décimo ano de regência certamente o décimo ano como lugal , ou seja, o seu décimo-primeiro ano no poder. Ainda assim, não se sabe, como em geral é o caso, por quanto tempo ainda Uru´inimgina foi

---

[31] KIENAST, B. Der Weg zur Einheit Babyloniens unter staatsrechtlichen Aspekten. In: *Orientalia*. [s.ed.]: Roma, 1973, vol. 42, p. 492s.

[32] No original: "Die dieser theokratischen Ordnung der sumerischen Stadtstaaten zugrunde liegende Vorstellung von Stadtgott als dem eigentlichen un alleinigen Herren des gesammten Staatswesens bestimmt natürlich nicht nur die innenpolitischen Verhältnisse, sondern hat zwangsläufig auch Auswirkungen auf die Beziehungen der einzelnen Stadtstaaten zueinander. Denn die Götterkreise der verschiedenen Städte bilden keine in sich geschlossenen, miteinander rivalisierenden theologischen Systeme; vielmehr sind die Stadtgötter und zum Teil ihr Anhang nicht nur lokal verehrte Gottheiten, sondern sie geniessen überregionale Verehrung und nehmen im gemeinsumerischen Pantheon schon von Haus aus bestimmte Funktionen wahr."

[33] COOPER, J. S. Reconstructing history from ancient inscriptions: the lagash-umma border conflict. In: *Sources from the ancient near east*,

regente e viveu além deste período indicado. A duração do senhorio de Uru´inimgina poderia ser considerada como limite de tempo para o surgimento deste texto. A favor desta posição considere-se que a passagem refere-se ao regente de Girsu, advogando sua inocência[34].

No entanto, exatamente quanto a este último ponto há fundamentada divergência de opinião. Hirsch[35] considera que isto seria uma incoerência com a lógica religiosa da época, pois consistire em uma quase-oração à deusa protetora inimiga para que punisse Lugalzagesi, o soberano de Umma. A punição deveria ser aguardada, solicitada ou vir da divindade atingida pelas impiedades: no caso, vir da divindade de Lagaš, e não da divindade de Umma. Por outro lado, este sumeriólogo chama a atenção para algo muito importante relacionado à subordinação de Lugalzagesi.

Sargão I de Acade instaurar a primeira dinastia semita na região, superando as querelas entre os poderes locais da baixa mesopotâmia rumo à constituição de seu domínio posterior ainda maior.

Lugalzagesi, este soberano local e regional desde Umma, que era visto pela população Ora, este mesmo soberano, visto pela população como alguém que partilha de poderes oriundos da grande divindade suméria, irá ter que se curvar diante de Sargon I de Acade. Segue a descrição da humilhação de

---

Undena Publications: Malibu, 1983, vol. 2, fasc.1, p.36. No original: "sudden cessation" tradução própria.

[34] Cf. o texto em Ukg 16 86-88: nam-dag uru-inim-gi-na lugal gír-suki-ka nu-gal. Segundo Steible, op. cit., p.337, loc. cit.: "Eine Schuld Uru´inimgina´s, des Königs von Girsu, ist nicht gegeben.", ou "Não há uma culpa de Uru´inimgina, rei de Girsu" (tradução adaptada do autor).

[35] HIRSCH, Hans E. Die "Sünde" Lugalzagesis. In: *Festschrift für Wilhelm Eilers. Ein Dokument der internationalen Forschung zum 27. September 1966*, [s.ed.]: Wiesbaden, 1967, p. 99-106.

Lugalzagesi por Sargão, no texto da Inscrição de Sargão b 6, conforme a tradução de Hirsch[36] ao alemão:

> "...quanto a Lugalzagesi, o rei de Uruk, ele [Sargão] o fez prisioneiro; **com uma canga** o levou à porta de Enlil. Sargão, rei de Acade: na batalha por Ur ele obteve a supremacia, e destruiu a cidade, e [arrasou seus muros]. [Eninmar ele destruiu, e] seus muros ar[rasou]. E sua terra[?] e[?] Lagaš até o mar ele destruiu. Suas armas ele lavou no mar. Umma ele sobrepujou na batalha, e a cidade ele destruiu, e seus muros [ar]rasou.(...)"[37]

É justamente interessante que a descrição desta humilhação da parte de Sargão parece bastante semelhante ao desejo expresso no texto de que tratamos aqui, normalmente atribuído a Uru´inimgina ou à sua esfera de influência. O texto da oliva de cerâmica AO 4162, deseja que seja colocado sobre as costas de Lugalzagesi o peso da sua impiedade. Ao comparar as duas passagens, Hirsch[38] sugere:

> "...que se veja em nosso texto **uma fundamentação teológica posterior** - mas em todo o caso pertencente ao período inicial da época de Acade - **do declínio de Lugalzagesi**, do ponto de vista da antiga rival Lagaš."[39]

---

[36] HIRSCH, Hans. Die Inschriften der Könige von Agade. In: *Archiv für Orientforschung*. [s.ed.]: Graz/Viena, 1963, p. 41: Sargon b 6, col. 8:4-47.

[37] Grifo do autor. No original: "...und Lugalzagesi, den König von Uruk, in der Schlacht nahm er gefangen, in einem Halsstock zum Tore des Enlil führte er ihn. Šarrukîn, König von Agade: in der Schlacht um Ur behielt er die Oberhand, und die Stadt warf er nieder, und [ihre] M[auer] sch[leifte] er. [Eninmar warf er nieder, und] seine Mauer schleif[te er]. Und sein Land[?] und[?] Lagaš bis hin zum Meere warf er nieder. Seine Waffen im Meere wusch er. Umma in der Schlacht überwältigte er, und die Stadt warf er nieder und ihre Mauer sch[leif]te er(...)". Tradução adaptada do autor.

[38] HIRSCH, Hans E. Die "Sünde" Lugalzagesis. In: *Festschrift für Wilhelm Eilers. Ein Dokument der internationalen Forschung zum 27. September 1966*, [s.ed.]: Wiesbaden, 1967, p. 105.

[39] Grifo do autor. No original: "...in unserem Text eine spätere - aber jedenfalls der frühen Agade-Zeit angehörende - theologische Begründung

Ao isentar de culpa Uru´inimgina, a autoria deste texto de Lagaš e questão poderia estar simplesmente tentando incorporar a simpatia dos moradores de Lagaš, que tiveram naquele regente, ao menos conforme nos consta, uma boa experiência de governo.

Em relação a este texto, Kienast[40] prefere postular que tenha havido, de fato, um recurso à divindade da cidade adversária para castigar a impiedade de Lugalzagesi, seu soberano.

A localização do achado não indica um uso ideológico de seu conteúdo, nem tem-se indício de que este teve uma divulgação ampla, como seria de se esperar neste caso, e como se deu com sua contrapartida posterior, a Maldição de Acade. Portanto, parece mais adeqüado não superestimar aqui a aparentemente subseqüente descrição da punição de Lugalzagesi. Considere-se aqui, também, que o próprio conflito entre ambas as autoridades parece indicar a pertença do texto à mentalidade do período pré-dinastico antigo.

2.4 CONSIDERAÇÕES DE ESTILO, CONTEÚDO E GÊNERO

Este texto já foi descrito como "reclamação"[41] ou "lamentação"[42]. Nele trata-se, no entanto, antes do agente do que de suas ações, ainda que a detalhada enumeração possa

---

des Untergangs Lugalzagesis zu sehen, aus dem Blickwinkel der ehemaligen Rivalin Lagaš". Tradução própria.

[40] op. cit., p. 493.

[41] No inglês "complaint". Assim, por exemplo, GREEN, Margaret W. *Eridu in Sumerian Literature*, Chicago, 1975, p. 280. Microfilme.

[42] No inglês "lamentations", citado assim em THUREAU-DANGIN, François. *Die Sumerischen und akkadischen Königsinschriften*. [s.ed.]: Leipzig, 1907, p. 56, mas também, posteriormente, LAMBERT, Maurice. Le Quartier Lagash. In: *Rivista degli Studi Orientali*. [s.ed.]: Roma, 1957, vol. 32, p.138 e idem, La guerre entre Urukagina et Lugalzaggesi. In: *Rivista degli Studi Orientali*. [s.ed.]: Roma, 1966, vol. 41 p. 35.

fazer assemelhar-se a um lamento. Como já para Thureau-Dangin[43] tinha ficado claro, ele não diferencia-se, em sua forma de expressão, dos documentos financeiros de Uru´inimgina[44].

Quanto ao estilo, passa-se como "uma espécie de memorando redigido por algum escriba"[45]. Ou, como Kramer dissera, "parece não ser nada mais do que uma trivial relação de ações ímpias perpetradas ... compiladas com o propósito de ´manter o registro em dia´"[46]. Sem dúvida a apresentação dos sacrilégios é bastante uniforme: As violações são descritas com expressões idênticas, quais sejam, acumular metais preciosos e lápis-lazúli[47] (14 vezes), saquear[48] (13 vezes), incendiar[49] (7 vezes), destruir estátuas (de deuses)[50] (2

---

[43] THUREAU-DANGIN, François. La ruine de Shirpourla (Lagash) sous le règne d´Ourou-kagina. In: *Revue Archélogique*, [s.ed.]: Paris, 1904, vol. 6, p.26-32.

[44] Exceto ainda um orifício de um lado a outro, no sentido da largura, que provavelmente deriva de alguma espécie de vareta utilizada como apoio durante o cozimento do tablete ainda húmido. Cf. op. cit., p. 31 n.11.

[45] Op. cit., p. 31. No original: "une sorte de memento rédigé par quelque scribe" tradução própria.

[46] KRAMER, S. N. Lamentation over the Destruction of Nippur: A Preliminary Report. In: *Eretz Israel*. [s.ed.]: Jerusalém, 1969, vol. 9, p.89. No original: "it seems to be nothing more than a matter-of-fact account of the impious deeds perpetrated... compiled for the purpuse of `keeping the record straight´" tradução própria.

[47] No original sumério: kù-za-gìn-bi ba-ta-kéš-kéš.

[48] Šu --bad. THUREAU-DANGIN, op. cit., p.30, leu este sinal como šu -- IDIM e interpretou como mettre à sang (banhar de sangue), ou ainda mais específico (idem, n. 4), como faire périr (fazer perecer). De modo semelhante procedeu SOLLBERGER, Edmond, KUPPER, J.-R. *Inscritptions Royales Sumeriennes et Akkadiennes*, Les Éditions du CERF: Paris, 1971, p.81s., que traduziu com tuer (matar, aniquilar). Já HIRSCH, Hans E. Die "Sünde" Lugalzagesis. In: *Festschrift für Wilhelm Eilers. Ein Dokument der internationalen Forschung zum 27. September 1966*, [s.ed.]: Wiesbaden, 1967, p. 101, n.18 aproxima-se do primeiro exegeta, lendo o sinal como šu --ug_6, entendendo como Blutvergießen (derramar sangue). Aqui segue-se, como também Cooper, op. cit., p. 52, o sentido atribuído por Steible, op. cit., Teil II, p. 169 sob Uru´inimgina 16 Kommentar (3) , que recorre a EDZARD, Dietz Otto. Problèmes de la Royauté das la Période Présargonique. In: *Zeitschrift für Assyriologie und vorderasiatische Archäologie*. [s.ed.]: Leipzig/Berlin, 1976, vol. 66 p.163 sob CT 50 Nr.5, "die Hand ausstrecken (nach)" (tradução própria: estender a mão [contra]) tanto quanto prefere derivar da expressão verbal com kéš-kéš (amealhar).

[49] No original sumério: izi ba-sum.

[50] No original sumério: alan-bi ì-gul-gul.

vezes), "profanação de farinha"[51] em um campo de Ningirsu e mais uma profanação.

Ainda quanto ao estilo, Hirsch[52] assinala que ele não é de modo algum uma enumeração com características litúrgicas[53], que devesse ser entendida como composição literária. Para isso os detalhes das profanações às cidades teriam sido formuladas com excessivo detalhe. Pode-se, ainda assim, pensar que um texto deste tipo pudesse ser encaixado em uma celebração litúrgica, uma vez que ele termina com uma oração. Por outro lado, a oração é formulada em terceira pessoa. Trata-se, pois, não de uma busca direta pela divindade (Nisaba), mas da expressão de um desejo, que é expresso no contexto da divindade.

O conteúdo pode ser dividido em dois 1:1-7:9 contém o "catálogo de impiedades"[54], e 7:10-9:3 trata da condenação de Lugalzagesi com a imprecação (ou previsão) de uma possível punição, de uma absolvição de Uru´inimgina e da expressão do desejo de castigo de Lugalzagesi por sua própria deusa protetora. Visto como um todo, trata-se, portanto, de queixa e de amaldiçoamento. "O pecado de Lugalzagesi"[55] é o tema deste tablete de cerâmica, que poderia ser sintetizado com referência à sua impiedade e dano material a cidades sagradas.

Mais difícil é a pergunta sobre em que medida este texto teve alguma influência sobre um gênero de lamento pela cidade que estaria se constituindo, ou se um tal texto teria

---

[51] A interpretação é de HIRSCH, op. cit., p. 101 cf. n.20. No original: "Flurfrevel" tradução própria.
[52] Op. cit., p. 101.
[53] Op. cit., idem. No original: "litaneiartige Aufzählung" tradução própria.
[54] Op. cit., idem. No original: "Fremdenkatalog" tradução própria.
[55] Esta a tradução do título do artigo acima citado de Hirsch.

relação com um tal gênero que existisse. Kramer[56] expressa-se quanto a isso de modo algo difuso:

> A forte especificação dos santuários destruidos, com suas implicações de amargura e pesar, seu tom de resignação à vontade divina e sua fé na retribuição ao culpado, tudo isso remanesce de modo não pequeno nos mais explícitos e demonstrativos lamentos que nos chegaram de tempos posteriores.[57]

"Amargura" pode ser deduzir-se só indiretamente, e isso não a partir do "catálogo de impiedades", mas do amaldiçoamento do culpado. Também não se percebe "pesar". Danos à população civil e às cidades são apenas não excluídos pelos intérpretes como contingências históricas plausíveis do que é relatado no texto[58]. No máximo poder-se-ia considerar a menção da destruição de Lagaš em 8:11-12. Mesmo no que tange aos lugares cúlticos não transparece claramente um "pesar". Os atos parecem colocar-se, no texto, mais como "provas circunstanciais", e quando possam expressar algum sentimento, então antes alguma frustração de Uru´inimgina.

A expressão "resignação à vontade divina" igualmente não parece aplicar-se ao texto em questão. Talvez porque Uru´inimgina pôde manter-se vivo e ainda lhe foi concedido permanecer com um pequeno território com título e honra, ele seja grato aos deuses e deseje reduzir a esfera de conflito ao seu adversário humano. Diferentemente dos posteriores

---

[56] Op. cit., idem.

[57] No original: "The stark itemizing of the shrines destroyed, with its implication of bitterness and sorrow, its tone of resignation to the divine will and its faith in retribution for the culprit, are all reminiscent to no little extent of the emotionally more explicit and demonstrative laments that have come down to us from later times." Tradução própria aproximada.

[58] THUREAU-DANGIN, op. cit., p. 32: "S´il n´es pas fait mention des édifices profanes ou des maisons privées, on ne peut en conclure que les vainqueurs les aient épargnés", ou seja: "Se não se faz menção de prédios profanos ou casas particulares, não se pode concluir que os vencedores os tenham poupado". Tradução adaptada do autor.

lamentos por uma cidade, os acontecimentos não se originam da vontade de uma divindade, mas antes contra uma tal vontade. Por isso são descritos como impiedades ou pecados (nam-dag).

É o caráter do texto, no entanto, que diferencia-o fundamentalmente de um lamento: não se trata de pesar, mas de vingança. É o que se deduz do fato de que *amaldiçoar* o criminoso pelos sacrilégios[59] que cometeu assume um lugar tão central nesta passagem.

[59] Se isso também relaciona-se à população atingida, como Thureau-Dangin postula, prefere-se aqui colocar em dúvida.

CONCLUSÃO

Green vê no texto da oliva de cerâmica AO 4162 já "um protótipo do lamento por uma cidade"[60] ou talvez, melhor formulado, "um antigo predecessor"[61], mesmo que "sua relação com o desenvolvimento rumo aos lamentos por uma cidade da época babilônica antiga não seja perceptível"[62]. De fato, a improbabilidade de mais amplo conhecimento desse texto ou de um processo traditivo mais amplo como foi o caso de textos como a Maldição de Acade, seja talvez o maior problema para uma tal "relação com o desenvolvimento" dos ulteriores lamentos por uma cidade. A localização arqueológica isolada de arquivos deixa ao menos a desconfiança de que o texto não teve grande divulgação.

Quanto a afinidades intrínsecas com os posteriores lamentos por uma cidade, pode-se elencar que ele tematiza o ataque sofrido e os premeditados danos a lugares (sagrados), o que é pensado teologicamente, na linguagem de um

---

[60] GREEN, Margaret W. *Eridu in Sumerian Literature*, Chicago, 1975, p. 280. No original: "a prototype of the city-lament". Tradução propria.
[61] Idem. The Eridu Lament. In: *Journal of Cuneiform Studies*. [s.ed.]: New Haven, 1978, vol. 30, p. 127 n.5. No original: "an early predecessor". Tradução própria.
[62] Ibidem, loc. cit. No original: "its developmental relationschip to the Old Babylonian city-laments is n0ot apparent". Tradução própria.

funcionário e da perspectiva do detentor do poder local. Estes quatro pontos mencionados, de forma alguma irrelevantes, são partilhados com os posteriores lamentos sumérios por uma cidade. Considerando-se uma redação ainda sob o domínio maior de Lugalzagesi, parece pouco provável, no entanto, que tenha havido alguma cerimônia cúltica com ampla participação pública. O contexto também não é de reconstrução e reinstalação de estátuas de divindades, mas parece apenas contemplar os efeitos da destruição sofrida.

A localização do achado pode remeter, todavia, a uma relação cúltica efetiva, mas com uma intenção bastante diversa das lamentações por cidades: denunciar a impiedade da atuação do agressor, buscando sua vingança e punição e, indiretamente, a justificação e o fortalecimento da autoridade local.

A oliva de cerâmica AO 4162 poderia ser chamada de "Denúncia e Maldição de Uru´inimgina", e parece ter sido confeccionada - e eventualmente utilizada - em algum rito provavelmente privado. No entanto, como o enumerar os danos, o reafirmar a inocência e o amaldiçoar dos inimigos e agressores também é corrente em lamentos, alguma afinidade de gênero subsiste.

OBRAS CONSULTADAS

BAUER, J. *Altsumerische Wirtschaftsurkunden aus Lagaš*. [s.ed.]: [s.l.], 1965.

COHEN, M. E. *An Analysis of the Balag-Compositions to the God Enlil copied in Babylon during the Seleucid Period*, University of Pensylvania: Ann Arbor, 1972. Dissertação de Ph.D. em Microfilme.

COOPER, Jerrold S. Reconstructing history from ancient inscriptions: the lagash-umma border conflict. In: *Sources from the ancient near east*, Undena Publications: Malibu, 1983, vol. 2, fasc.1.

COOPER, Jerrold S. *Presargonic Inscriptions*. American Oriental Society: New Heaven, 1986. (Sumerian and Akkadian Royal Inscritptions I).

DOBBS-ALLSOPP, F. W. *Weep, O Daughter of Zion: A Study of the City Lament Genre in the Hebrew Bible*. [s.ed.]: Roma, 1993

EDZARD, Dietz Otto. Problèmes de la Royauté das la Période Présargonique. In: *Zeitschrift für Assyriologie und vorderasiatische Archäologie*. [s.ed.]: Leipzig/Berlin, 1976, vol. 66 p.156-195.

FALKENSTEIN, A. Die Ibbîsîn-Klage. In: *Die Welt des Orients*. [s.ed.]: Göttingen, 1950, vol. 1, p. 377-384.

GADD, C. J.. The Second Lamentation of Ur. In: THOMAS, D. W.; McHARDY, W. D. (ed.). *Hebrew and Semitic Studies Presented to Godfrey Rolles Driver*. [s.ed.]: Oxford, 1963, p. 59-71.

GREEN, Margaret W. *Eridu in Sumerian Literature*, Chicago, 1975. Dissertação de Ph.D. em Microfilme.

GREEN, Margaret W. The Eridu Lament. In: *Journal of Cuneiform Studies*. [s.ed.]: New Haven, 1978, vol. 30, p.127-167.

GREEN, Margaret W. The Uruk Lament. In: *Journal of the American Oriental Society*. [s.ed.]: New Haven, 1984, vol. 104, p. 253-279.

HIRSCH, Hans E. Die "Sünde" Lugalzagesis. In: *Festschrift für Wilhelm Eilers. Ein Dokument der internationalen Forschung zum 27. September 1966*, [s.ed.]: Wiesbaden, 1967, p. 99-106.

HIRSCH, Hans. Die Inschriften der Könige von Agade. In: *Archiv für Orientforschung*. [s.ed.]: Graz/Viena, 1963, p.1-82.

KIENAST, B. Der Weg zur Einheit Babyloniens unter staatsrechtlichen Aspekten. In: *Orientalia*. [s.ed.]: Roma, 1973, vol. 42, p.489-501.

KRAMER, Samuel Noel. Lamentation over the Destruction of Nippur - A Preliminary Report. In: *Eretz Israel*. [s.ed.]: Jerusalem, 1969, p. 89-93.

KRAMER, Samuel Noel. Lamentation over the Destruction of Nippur. In: YOSHIKAWA, M. (ed.) *Acta Sumerologica*. The University of Hiroshima: Hiroshima, 1991, vol. 13, p.1-26.

KRAMER, Samuel Noel. Lamentation over the Destruction of Sumer and Ur. In: PRITCHARD, J. B. (org.). *Ancient Near East Texts Relating to the Old Testament*. 3ed. [s.ed.]: Princeton, 1969, p. 611-619.

KRAMER, Samuel Noel. *Lamentation over the Destruction of Ur*. The University of Chicago Press: Chicago,1940. (Assyriological Studies 12).

LAMBERT, Maurice, La guerre entre Urukagina et Lugalzaggesi. In: *Rivista degli Studi Orientali*. [s.ed.]: Roma, 1966, vol. 41, p.29-66.

LAMBERT, Maurice. Le Quartier Lagash. In: *Rivista degli Studi Orientali*. [s.ed.]: Roma, 1957, vol. 32, p.123-143.

LAMBERT, W.G.. The Reading of the Name uru.KA.gi.na. In: *Orientalia*. [s.ed.]: Roma, 1979, vol. 39 p. 419.

LIVERANI, Mário. Model and Actualization: The Kings of Akkade in the Historical Tradition. In: Idem (ed.), *Akad: The First World Empire - Structure - Ideology, Tradidions*. [s.ed.]: Padova, 1993, p. 41-67.

MICHALOWSKI, Piotr. History as Charter: Some Observations on the Sumerian King List. In: *Journal of the American Oriental Society*. [s.ed.]: New Haven, 1983, vol.103, p. 237-248

MICHALOWSKI, Piotr. *The Lamentation over the Destruction of Sumer and Ur*. Eisenbrauns: Winona Lake, 1989. (Mesopotamian Civilizations, 1).

SOLLBERGER, Edmond, KUPPER, J.-R. *Inscritptions Royales Sumeriennes et Akkadiennes*, Les Éditions du CERF: Paris, 1971. (Littératures aciennes du Proche-Orient 3).

SOLLBERGER, Edmond. *Corpus des Inscriptions "Royales" Présargoniques de Lagaš*, Librairie E. Droz: Genebra, 1956.

STEIBLE, H. *Die Altsumerischen Bau- und Weinheitsinschriften*, Franz Steiner Verlag: Wiesbaden, 1982, vols. I-II. (Freiburger Altorientalische Studien 5).

THUREAU-DANGIN, François. *Die Sumerischen und akkadischen Königsinschriften*. [s.ed.]: Leipzig, 1907.

THUREAU-DANGIN, François. La ruine de Shirpourla (Lagash) sous le règne d´Ourou-kagina. In: *Revue Archélogique*, [s.ed.]: Paris, 1904, vol. 6, p.26-32.

VANSTIPHOUT, H., Some Thougts on Genre in Mesopotamian Literature. In: Karl Hecker e Walter Sommerfeld (eds.). *Keilschriftliche Literaturen*. Dietrich Reimer Verlag: Berlin, 1986, pp. 1-11.